**ESTRABISMO COMO SEQUELA EM VÍTIMAS DE TRAUMATISMO CRANIOENCEFÁLICO**

Lahuan Araujo Costa¹; Gabriela de Souza Mendonça¹; Julyanna de Araújo Castro¹, Ligia Viana de Araujo¹; Pablo Cleber Sousa Lopes Sales¹; Luan Kelves Miranda de Souza²

¹ Acadêmicos de Medicina pela Faculdade de Ciências Humanas, Exatas e da Saúde do Piauí / Instituto de Ensino Superior do Vale do Parnaíba - FAHESP/IESVAP

² Mestre em Ciências Biomédicas pela à Universidade Federal do Piauí - UFPI (2016) e docente da Faculdade de Ciências Humanas,Exatas e da Saúde do Piauí/ Instituto de Educação Superior do Vale do Parnaíba– FAHESP/IESVAP.

Área temática: Atenção à saúde.

E-mail do autor: lahuan.araujo.costa@gmail.com

**INTRODUÇÃO:** A lesão cerebral traumática (TCE) é muito comum em departamentos de emergência, sendo uma causa comum de morte e sequelas, pois acarreta um dano anatomofuncional das estruturas da região do crânio. O TCE representa a principal causa mundial de morbimortalidade em indivíduos com menos de 45 anos, acometendo predominantemente o sexo masculino. Vítimas de TCE apresentam distúrbios dos movimentos oculares, dentre os quais está o estrabismo, que consiste em qualquer desvio do alinhamento binocular, ou seja, ocorre quando as fóveas não estão simétricas em relação ao objeto que é focalizado pelo olhar. Tal condição pode ocasionar prejuízos funcionais ao indivíduo, como sintomas visuais de visão dupla, turva ou irregular e dificuldades de leitura. **OBJETIVO:** Avaliar a relação entre traumatismo cranioencefálico (TCE) e estrabismo. **MÉTODOS**: Este estudo constitui uma revisão de literatita de caráter analítico desenvolvida pela Liga Acadêmica de Neurociências, vincula à Faculdade de Ciências Humanas, Exatas e da Saúde do Piauí/ Instituto de Educação Superior do Vale do Parnaíba– FAHESP/IESVAP, a respeito do aparecimento de estrabismo como sequela em pacientes vítimas de TCE. A coleta de dados foi realizada no período de 01 a 14 de agosto de 2019, e utilizou-se para a pesquisa as bases de dados Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), Scientific Eletrônic Library Online (SCIELO) e National Library of Medicine (PUBMED), através dos seguintes descritores: *neurology, strabismus, craniocerebral trauma* e *Statistics on Sequelae and Disability.* **RESULTADOS E DISCUSSÃO**: Um considerável número dos casos de estrabismo ocorre devido a lesão nos pares dos nervos oculomotor (III), troclear (IV) e abducente (VI), que inervam os músculos responsáveis pelo movimento dos olhos. Em determinados levantamentos, o traumatismo foi o fator etiológico predominante nos casos de estrabismo adquirido em virtude de paralisias ou paresias no III, IV e VI nervos. Em outro estudo, 25% das vítimas de TCE estudadas apresentaram sequelas neurológicas, das quais 1,6% (ou 0,4% do total) apresentaram estrabismo. Além disso, um estudo nacional indicou que os traumas representam mais de 2% dos fatores de risco para estrabismo. Um relato de caso registrou um paciente que adquiriu a condição de estrabismo após sofrer um acidente automobilístico e lesionar o nervo abducente. Ademais, um estudo europeu detectou, em 61 militares expostos a TCE, que um dos defeitos de campo significativos observados é hemianopsia homônima, que pode ter relação com um possível estrabismo, foi observada em 15% da população. (Lemke et al.). **CONCLUSÃO:** Destarte, o estrabismo pode ser estatisticamente considerado uma sequela pouco recorrente em vítimas de TCE, sendo necessário haver lesão em um dos pares cranianos responsáveis pelos movimentos oculares. No entanto, o TCE é uma das principais causas de estrabismo adquirido.

**PALAVRAS-CHAVE**: Trauma. Estrabismo. Sequela.

**REFERÊNCIAS:**

MELO, José Roberto Tude; SILVA, Ricardo Araújo da; MOREIRA JR, Edson Duarte. Características dos pacientes com trauma cranioencefálico na cidade do Salvador, Bahia, Brasil. Arq. Neuro-Psiquiatr., São Paulo , v. 62, n. 3a, p. 711-715, Sept. 2004 .

CAMARGO, Gustavo Bueno de et al . Estrabismo paralítico: revisão de 24 anos da Santa Casa de São Paulo. Arq. Bras. Oftalmol., São Paulo , v. 70, n. 4, p. 585-587, Aug. 2007 .

SHIMAUTI, Augusto Tomimatsu et al . Estrabismo: detecção em uma amostra populacional e fatores demográficos associados. Arq. Bras. Oftalmol., São Paulo , v. 75, n. 2, p. 92-96, Apr. 2012 .

ROWE, F.J. et al. Interventions for eye movement disorders due to acquired brain injury. [Cochrane Database Syst Rev.](https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/29505103) 2018.

MAGALHÃES, Ana Luisa Gonçalves et al. Epidemiologia do Traumatismo Cranioencefálico No Brasil. Rev Bras Neurol. 53(2):15-22, 2017.

MUFTI, Osama et al. Ocular changes in traumatic brain injury: A review. European Journal of Ophthalmology 1–7 © The Author(s) 2019.

ZICARELLI, Carlos Alexandre Martins et al. Lesão Traumática Bilateral do Nervo Abducente: Um relato de Caso. Revista Brasileira de Neurologia e Psiquiatria. 2018 Jan./Abr;22(1):101-106.

LEMKE, S et al. Automated perimetry and visual dysfunction in blast-related traumatic brain injury. Ophthalmology 2016; 123(2): 415–424.